



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8201 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

Um estudo do pensamento contracorrente de Manoel Bomfim para a educação: parasitismo e democracia em “A América Latina: males de origem” (1905)

Marcela Cockell Mallmann - UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### **UM ESTUDO DO PENSAMENTO CONTRACORRENTE DE MANOEL BOMFIM PARA A EDUCAÇÃO: PARASITISMO E DEMOCRACIA EM “A AMÉRICA LATINA: MALES DE ORIGEM” (1905)**

Manoel Bomfim (1868-1932), sergipano, médico, escritor, jornalista, professor e político, ou ainda um intelectual, marcado pelo engajamento e pelo olhar atento e crítico de sua contemporaneidade, na virada do século XX. No âmbito da educação foi professor e diretor do *Pedagogium* (1896-1919) e Escola Normal do Rio de Janeiro diretor da Instrução Pública do Distrito Federal e diretor interino da Escola Normal do Rio de Janeiro, lecionando moral e cívica (de 1897 até 1902), pedagogia e psicologia. Atuou como deputado federal pelo Estado de Sergipe (1907-1908) e foi membro da Liga Brasileira de Saúde Mental (1923) e Associação Brasileira de Educação (ABE).

Transita no cenário da Primeira República (1889-1930) na Capital Federal, que também vivencia a *Belle Époque* de 1898-1914, segundo Needel (1993), e todo o ideário de modernidade e civilidade. As modificações urbanas no Rio de Janeiro marcadas pelas Reforma de Pereira Passos (1902-1906) foram apenas o ponto de partida para evidenciar mudanças sociais, políticas e econômicas inspiradas no modelo francês. Os espaços transformados pela urbanização da cidade demarcavam aqueles pertencentes às elites, aos menos favorecidos, às crianças e aos intelectuais, como Bomfim, um representante da intelectualidade brasileira, transita nestes espaços.

Neste trabalho, que parte de uma pesquisa de doutoramento em andamento sobre seu ideário intelectual, pretendemos refletir sobre os eixos argumentativos relevantes em *A América Latina: males de origem* (1905), que pode ser considerada a obra que inaugura seus ideais contracorrentes, mas também sustenta as bases do pensamento do autor sobre as questões que debateu e discutiu durante sua vida, especialmente sua preocupação em articular um Estado-Nação que sustentasse os ideais de civilidade e progresso que as necessidades econômicas e políticas necessitavam naquele momento tendo a educação como a “cura” para os males do atraso. Dentre estes eixos argumentativos podemos destacar sua teoria de parasitismo e a sua teoria de independência que viabilizaria a democracia e o progresso brasileiro.

O livro *A América Latina: males de origem* (1905) foi escrito durante uma viagem do autor à França (1902-1903) para realizar estudos de Psicologia Experimental na Universidade de Sorbonne. Podemos dizer que esta experiência ofereceu ao autor uma nova perspectiva a respeito da realidade brasileira daquele momento, em que a modernização e o progresso inspirado no modelo francês, a *Belle Époque* tropical. Talvez de uma outra escala de olhar Bomfim olhou para o Brasil de uma outra forma, enxergando o seu pertencimento ao continente latino.

A teoria do parasitismo consiste na lógica de denominação externa imposta pelo colonialismo europeu, combinada com a dominação interna imposta pelas elites, causando males aos povos latino-americanos. A metáfora da biologia colabora para atenuar a sua observação de uma nação como um organismo vivo que possui atividades que desenvolvem e atrofiam, e deste modo a educação seria a cura para os males do atraso, uma doença para uma nação. Era um ideário influenciado pelas ideias do darwinismo social que o próprio Bomfim destaca na “Advertência” ao leitor no início da obra fazendo referência ao livro de Walter Bagehot, *Physic and politics* (1872).

Em sua alegoria as classes sociais são infectadas numa degradação sistemática pelos colonizadores ibéricos, que estimula e alimenta o parasita através de uma mentalidade parasitária pela ignorância do povo. Para o autor, a ignorância, ou o não investimento em educação só fortaleceria este parasitismo. O que demonstra que para além do atraso por conta da mestiçagem, o que construíamos era uma relação de dependência fomentado pelas elites na manutenção do patrimonialismo brasileiro, como uma eterna oligarquia e também dependência cultural, tendo como referência os países ibéricos, ou neo-ibéricos, como por exemplo, a inspiração nos moldes franceses para aquilo que considerávamos modernidade e civilidade.

A teoria da independência fermentada por Manoel Bomfim partia, especialmente, da educação como necessária para o progresso e, de fato, avançar como nação moderna. A educação, representada pela instrução popular, era o que permitira de fato o país se estruturar como democrático:

Sem isto, sem a instrução da massa popular, sem o seu realçamento, não é só a riqueza que nos faltará – é a própria qualidade de gentes entre as gentes modernas. Pouco importa o que está inscrito nas Constituições, que as camadas políticas vão depositando nos armários oficiais. Como estamos, não somos nem nações, nem repúblicas, nem democracias. A democracia moderna é um produto do progresso; e nós somos, ainda, uma presa do passado, recalitrante em tradições e preconceitos, que não soubemos vencer ainda. Querer um regime moderno, com as almas cristalizadas nos costumes de três séculos atrás, não é uma utopia – é uma monstruosidade. Proclamar democracia e liberdade, e manter e defender as condições sociais e políticas das eras de absolutismo, é mais que insensato – é funesto, mais funesto que o próprio absolutismo formal. Este é criminoso, mas é pelo menos lógico; o crime pode ser lógico sem deixar de ser crime; o regime de democracia sem povo é absurdo, sem deixar de ser igualmente pernicioso. (BOMFIM, 1905, 362)”

O uso do adjetivo biológico “parasita” na atualidade tomou ares de palavra da moda, se juntando ao léxico do covidoma deste ano corrente de 2020. No entanto o uso das metáforas biológicas por Manoel Bomfim no livro *A América Latina: males de origem* (1905) como “males” e “cura” já se mostrava transgressora ao inverter a lógica da ideologia do pessimismo sobre a formação mestiça do povo brasileiro e de país tropical, vistos como inferiores e condenados ao atraso e à barbárie. Contrariou nomes importantes da intelectualidade brasileira como o crítico e cientista social Silvio Romero (1851 - 1914), um crítico ácido ao autor, o antropólogo Nina Rodrigues (1862 - 1906) e o escritor Euclides da

Cunha (1866 - 1909). E até hoje se revela como um livro de grande importância e atualidade, quase de vanguarda, para se pensar as questões brasileiras.

**Palavras-chave:** Manoel Bomfim. Parasitismo. América Latina. Educação. Democracia

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Parasitismo Social e evolução. Rio de Janeiro: 1905. \_\_\_\_\_. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topobooks, 2005.

CAMARA, Sônia.; COCKELL, Marcela. *O intelectual educador Manoel Bomfim e a interpretação do Brasil e da América Latina*. In: ANAIS II ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2010, Unirio.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FOUCAULT Foucault, M. *As palavras e as coisas*, 2002, p. 60.

MIGNOT, ANA CHRYSTINA VENANCIO (Org). *Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana*. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

\_\_\_\_\_. *Jean-Paul Sartre, um intelectual engajado*. In. NOVAES, ADAUTO. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.